

AUTOBIOGRAFIA, MEMÓRIA E ENGAJAMENTO REVOLUCIONÁRIO EM *TIGRE EN PAPIER*, DE OLIVIER ROLIN

Érica MILANEZE*

- **RESUMO:** Os romances franceses produzidos nos últimos 30 anos apresentam um grande interesse pelas questões do sujeito, das formas de lirismo até as biografias, autobiografias e autoficções, etc.. Neste contexto, insere-se *Tigre en papier*, de Olivier Rolin (2002a) – um dos grandes nomes de sua geração, indicado, inclusive, duas vezes ao prêmio *Goncourt* –, que após atuar como militante de esquerda durante a juventude se volta para a escritura, sendo autor de uma consistente produção literária. Pretendemos, então, efetuar uma análise de *Tigre en papier*, abordando-o com uma autobiografia romanceada dos anos de engajamento revolucionário de Olivier Rolin, por meio do qual o autor reflete sobre sua militância política pelas lembranças de Martin, o narrador das aventuras que parece ser seu alter-ego. Na verdade, as lembranças de Martin conduzem a um passado individual que remete a um passado mais amplo pertencente à História da França e das lutas revolucionárias comunistas em geral, em contraste com a realidade atual da sociedade pós-industrial francesa.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Romance contemporâneo. Literatura francesa. Autobiografia. Olivier Rolin.

Os romances franceses produzidos a partir da década de 80 diferenciam-se da produção literária anterior, porque denotam uma profunda mudança nas escolhas estéticas e nas posturas de escritura com o retorno da transitividade no interior da obra literária, após duas décadas de apego às formas intransitivas das escrituras experimentais. A tendência ao retorno é, então, uma das características dos romances franceses atuais: o retorno do real em detrimento das construções puramente textualizadas dos anos 60 e 70, que cedem lugar a textos onde se encontra um referente para a forma; o retorno da narrativa, fruto da desconfiança das construções codificadas e das colagens, buscando-se uma maior inteligibilidade textual; e por

* UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem – Departamento de Teoria Literária. Pós-doutoranda em Teoria e Crítica Literária. Campinas, SP – Brasil. 13083-859 – erica.milaneze@gmail.com.

Artigo recebido em 31/07/12 e aprovado em 31/10/12

fim, o retorno das diversas formas de expressão do sujeito (VIART, 1999). De fato, as produções literárias contemporâneas francesas, especialmente os romances escritos nos últimos 30 anos, demonstram um grande interesse pelas questões do sujeito, exteriorizado de diversas formas, desde o lirismo até a proliferação de autobiografias, biografias, bioficções e autoficções. Na verdade, a recuperação de uma expressão mais subjetiva já começa a evidenciar-se nas últimas obras de autores considerados “novos romancistas”, como em *Enfance*, de Nathalie Sarraute (1983), *L'Acacia* de 1989, de Claude Simon (2004), *L'Amant* de 1984, de Marguerite Duras (2007) e *Paradis*, de Philippe Sollers (1981), etc.; porém, as narrativas atuais não tratam a sujeito da mesma maneira que estes autores abordam. Isto porque a subjetividade se apresenta de diferentes formas nas produções francesas mais recentes como reflexo, segundo Viart (2003), dos desdobramentos da crise das ideologias e dos discursos, da renovação dos interesses históricos e das questões da memória e também da elaboração de uma etnologia do tempo presente.

Neste contexto, inserem-se as obras de Olivier Rolin que, após vários anos engajado na militância política francesa de esquerda no final dos anos 60 e início dos anos 70, quando também participa do conjunto de revoltas ocorridas na França em maio de 1968, volta-se para a atividade literária publicando suas primeiras obras nos anos 80: *Phénomène futur* (ROLIN, 1983), *Bar des flots noirs* (ROLIN, 1987), *L'invention du monde* (ROLIN, 1993), *Port-Soudan* (ROLIN, 1994), *Méroé* (ROLIN, 1998), *Tigre en papier* (ROLIN, 2002a), *Un chasseur de lions* (ROLIN, 2008), *Suite à l'hôtel Cristal* (ROLIN, 2004) e mais recentemente, *Baku, derniers jours* (ROLIN, 2010) e *Circus 1* (ROLIN, 2011). É considerado, ao lado de Pierre Michon, Pascal Quignard, Alan Naud, Antoine Volodine, Gérard Macé, Claude Louis-Combet e Jean-Philippe Toussaint, dentre outros, um dos grandes nomes de sua geração, ganhando o prêmio *Femina* em 1994 por seu romance *Port-Soudan* (ROLIN, 1994), o Prêmio *France Culture* e sendo finalista do Prêmio *Goncourt* por *Tigre en papier* (ROLIN, 2002a), em 2003 e ainda finalista dos Prêmios Renaudot e novamente do *Goncourt* por *Un chasseur de lions*, em 2008.

Tigre en papier (ROLIN, 2002a) é uma autobiografia romanceada dos anos vividos por Olivier Rolin como militante de esquerda, em que parte de suas experiências pessoais para recuperar as ações revolucionárias empreendidas pelos jovens militantes da *Gauche Prolétarienne* (GP). Formada após os eventos de maio de 68¹, a *Gauche Prolétarienne* foi uma organização da esquerda francesa maoísta, composta pelo reagrupamento dos jovens militantes do “*Moviment 22-Mars*”, da *Université de Nanterre* e dos intelectuais da União dos Jovens Comunistas marxistas-

¹ Revoltas ocorridas na França entre maio e junho de 1968 de natureza cultural, social e política, dirigida contra a sociedade tradicional, o capitalismo, o imperialismo e o poder do General de Gaulle, que se inicia com os jovens estudantes parisienses e mais tarde se expande para os operários e outras categorias da população.

lenistas (UJC-ml), da *École Normale Supérieure*, que desejava construir um autêntico partido trabalhista a partir das lutas do povo – seguindo a ideologia pregada pelo líder Mao Tsé-tung, o Grande Timoneiro, responsável pela Revolução Cultural Chinesa (1966), que instituiu o regime comunista no país, cujas ideias foram sintetizadas no famoso Livro Vermelho –, atuando em vários movimentos sociais, em greves, tribunais populares, movimentos de trabalhadores, etc.. Membro da GP, Olivier Rolin atuou como militante dirigente da *Nouvelle Résistance Populaire* (NRP), ramo armado da organização maoísta francesa, que empreendeu em Paris, atentados, roubos, sequestros e outras atividades, como por exemplo, infiltrar seus jovens membros como operários para sabotar as fábricas francesas, etc., dissolvendo-se por volta de 1973.

Perguntado em uma entrevista se *Tigre en papier* é uma obra autobiográfica, Rolin (2003a, grifo nosso) responde: “Bastante, mas de qualquer forma as histórias são inventadas. Nenhuma ocorreu exactamente como está descrita. Quase nenhuma personagem corresponde a uma personagem real. *Parti de coisas que vivi e, como num romance, transformei, deformei*”. Neste sentido, *Tigre en papier* apresenta um aspecto, ao mesmo tempo, biográfico e ficcional, que transforma a realidade vivenciada por meio da imaginação para reconstruir as atividades do grupo de participantes da NRP, desde as ações pertencentes à militância política até os sentimentos, ideologias, camaradagens, enfim, a vida de jovens cheios de sonhos que despertam para a sexualidade enquanto seguem seus ideais políticos de transformar a sociedade. No entanto, as ações da NRP contadas na obra de Rolin são inseridas em um contexto revolucionário mais amplo, ligado não apenas aos eventos de maio de 68, mas também a outros movimentos revolucionários desencadeados durante o século XX, como a Revolução Cultural Chinesa, a luta dos vietnamitas contra, inicialmente o colonialismo francês e mais tarde o imperialismo americano. Desta forma, Oliver Rolin constrói em *Tigre en papier* uma autobiografia romanceada de seus anos de militância de esquerda, que lhe permite refletir seu passado individual por meio da memória, o que acaba por remeter a um passado coletivo, pertencente à História da França e da Humanidade.

Neste sentido, o narrador protagonista de meia-idade de *Tigre en papier*, Martin, parece atuar como um alter-ego ou na gíria da militância política clandestina, um codinome de Olivier Rolin no interior do texto – cujo verdadeiro codinome nos anos de ativismo político era Antoine Liniers –, expressando, então, um rompimento entre as instâncias enunciativas do autor, narrador e personagem. Ao longo da narrativa, Martin/Rolin assume diversas pessoas do discurso, *je, tu, vous, nous*, o que determina uma fragmentação em que ora o narrador parece rememorar o passado como observador, ora como quem é observado, ou seja, distancia-se ou se aproxima dos fatos narrados para refletir sobre suas ações políticas e sobre si mesmo. Entretanto, os elementos que provêm das vivências reais, isto é, da biografia de Olivier Rolin como

militante maoísta e os que pertencem a sua fabulação não podem ser delineados com exatidão em *Tigre en papier*; porém, uma referência explícita que aponta para a sobreposição entre autor, narrador e personagem é a relação que Rolin e Martin compartilham com a atividade de escritor, iniciada alguns anos após a dissolução do grupo revolucionário, como esclarece o narrador: “*Et maintenant, dis-tu à la fille de Treize, ton père est mort, moi je suis un vieil homme de lettres [...]*” (ROLIN, 2002a, p.99)², “*c’est ça maintenant ton métier: homme de lettres*” (ROLIN, 2002a, p.86)³. Contudo, o que expõe, a meu ver, a cumplicidade entre Rolin e Martin é a reflexão na meia- idade – depois de passados mais ou menos 30 anos – do engajamento na esquerda maoísta realizado na juventude por meio da escrita, para o primeiro e pelo ato de contar sua história à filha de um companheiro da Causa falecido, no caso do segundo. Em uma outra entrevista, o próprio autor confirma que

[...] *c’est pour réfléchir à tout ça – à l’engagement révolutionnaire, à la grandeur humaine qu’il supposait, et qu’il lui arrivait de libérer, et en même temps à la dégradation qu’il entraînait – que je me suis mis, très lentement et comme à tâtons, à écrire. C’est pour **démêler, débrouiller un peu ces choses emmêlées, embrouillées.*** (ROLIN, 2002b, grifo nosso)⁴.

Refletir para “*démêler*”, “*débrouiller*”, isto é, desembaraçar, reordenar, esclarecer os acontecimentos, as vivências e as aventuras que estavam “*emmêlées*”, “*embrouillées*”, embaraçadas, misturadas umas nas outras de modo desordenado, como os fios de um novelo desenovelado, fios que remetem a própria escritura que Rolin tece em *Tigre en papier*, cuja estrutura se apresenta fragmentada, desordenada, embaraçada entre o passado e o presente na narrativa de Martin. Ora, segundo o narrador “[...] *le texte du passé dans ma mémoire est complètement déformé, chiffonné*” (ROLIN, 2002a, p.32-33)⁵, e por isso, diversas temporalidades e espacialidades se misturam em sua narrativa, que exprime uma rememoração de suas vivência a jovem Marie, atuando de certa forma como um verdadeiro contador de histórias e de anedotas. Com efeito, as lembranças de Martin são desencadeadas por Marie, filha de Treize, seu grande amigo eterno, que se suicida em sua presença alguns anos depois da dissolução da militância maoísta, jogando-se de uma das torres da igreja de Saint-Sulpice, em Paris, quando a

² “E agora, você diz para a filha do Treize, o seu pai morreu, eu sou um velho homem de letras [...]” (ROLIN, 2006, p.105).

³ “Esta é a sua profissão agora: homem de letras [...]” (ROLIN, 2006, p.89).

⁴ “[...] é para refletir sobre tudo isto – o engajamento revolucionário, a grandeza humana que supunha e que, conduzia à libertação e, ao mesmo tempo, à degradação que provocava – que me coloquei, muito lentamente e às apalpadelas, a escrever. É para desemaranhar, arrumar um pouco essas coisas misturadas desordenadamente, emaranhadas” (ROLIN, 2002b, tradução nossa).

⁵ “[...] o texto do passado está completamente deformado, dilacerado na minha memória” (ROLIN, 2006, p.31).

garota tinha apenas quatro anos de idade. De acordo com o narrador, este apelido, que contém uma conotação negativa que parece já anunciar seu destino infeliz, origina-se de uma foto tirada em 1969, que reúne doze camaradas da Causa que iam trabalhar com os camponeses em Guingamp; o décimo terceiro, o Chris, que tirou a foto, ficou sendo o Treize, personagem cuja construção é fictícia, como explica Rolin (2003b), embora remeta às lembranças pessoais do autor:

Le personnage de Treize n'est dérivé directement de personne, mais il est, dans mon esprit, lié à la mémoire de deux amis qui sont morts à la fin des années soixante-dix, au début des années quatre-vingt. J'avais envie, non pas de parler d'eux, mais que cette histoire soit placée sous leur invocation secrète. J'ai été tenté d'écrire au début du livre « en mémoire de... », puis je me suis dit que ce serait indélicat, que ça entraînerait sur de fausses pistes, parce qu'en fin de compte presque rien de ce qui arrive au personnage de Treize n'est arrivé à ces amis.⁶

Desejosa de saber sobre o pai que não conheceu, assim como Martin – cujo pai, tenente do destacamento anfíbio francês na Indochina do Sul, foi morto em uma disputa com os rebeldes que queriam sua independência durante as lutas coloniais francesas na década de 50, na Cochinchina, atual Vietnã. Marie procura pelos antigos companheiros da Causa revolucionária em uma noite, quando se reúnem para comemorar o aniversário de uma militante, Judith, na esperança de tentar compreender e conhecer os ideais, aos quais seu pai devotou a juventude. Marie parece oferecer ao narrador um novelo, como Ariadne no mito de Teseu, mas um novelo desenovelado, em que se tornou no presente para Martin, os acontecimentos efetuados durante o engajamento revolucionário, todo um passado que será rememorado como forma de compreender as lacunas e os pontos ainda não totalmente esclarecidos para si mesmo e também para Olivier Rolin (2002b, grifo nosso), que afirma: “[...] *en tout cas c'est pour ça (entre autres raisons plus ou moins obscures) que j'écris: pour essayer de **démêler une pelote**, une 'perruque' comme on dit à la pêche. Pour **réfléter de biais**, pour ainsi dire. Pour aller un petit peu moins à l'aveuglette*”⁷. De fato, todo esse passado fragmentado, inserido nos meandros da memória de Martin, se enovela na cidade de Paris, verdadeiro labirinto por onde os

⁶ “O personagem do Treize não está diretamente derivado a ninguém, mas está, em minha mente, ligado à memória de dois amigos que morreram no fim dos anos setenta, início dos anos oitenta. Tinha vontade, não de falar deles, mas que esta história fosse colocada sob suas secreta invocação. Tentei escrever no começo do livro “em memória de ...”, depois disse a mim mesmo que seria indelicado, que conduziria a falsas pistas porque, no fim das contas, nada do que acontece ao personagem Treize ocorreu com esses amigos” (ROLIN, 2003b, tradução nossa).

⁷ “[...] em todo caso, é por isto (dentre outras razões mais ou menos obscuras) que escrevo: para experimentar desembaraçar um novelo, uma ‘peruca’, como se diz na pescaria. Para refletir de viés, por assim dizer. Para ir um pouco menos às cegas” (ROLIN, 2002b, tradução nossa).

camaradas da militância maoísta efetuavam suas ações subversivas e também por onde o narrador viaja com Marie, em seu velho carro ainda da época da Causa, uma DS Citroën, apelidada *Remember*, traçando vários círculos ou revoluções pelo *Boulevard Périphérique* –anel viário que marca os limites entre Paris e a periferia –, enquanto reúne os fios de sua história, ou seja, rememorando o passado a partir do presente. Como Paris foi o palco de muitas Revoluções, em especial, as ações de maio de 68, o mais importante movimento social da História da França no século XX, entrecruza-se entre suas ruas, casas, antigos edifícios e monumentos, a história de seus habitantes comuns com as histórias de diversos revolucionários, dentre eles o próprio Olivier Rolin e suas personagens em *Tigre en papier*:

Cette énorme toupie de ténèbres est faite d'Histoire tassée, effondrée sur elle-même, dis-tu à la fille de Treize, la ville est la pelote en quoi se nouent et se serrent des millions de fils, vies présentes et passées, vécues et rêvées, quelque part dans cette matière inextricable il y a mon histoire à moi et celle de Treize, et toutes les autres qui étaient tressées aux nôtres [...]. Et il y a aussi toutes les histoires plus hautes, plus tragiques, auxquelles les nôtres étaient liées par les liens du rêve, Saint-Just à la guillotine et le mur des Fédérés, les barricades de février et de juin, le coup de feu du colonel Fabien sur le quai du métro Barbès, l’Affiche rouge, toutes ces histoires emmêlées en une énorme perruque, certaines grandes et rudes, d’autres fragiles mais tirant des premières une force naïve. Tout ce passé, embrouillé, intriqué, entassé dans la forme d’une ville, il suffit de prendre le bon fil et de tirer très délicatement pour le dévider [...]. (ROLIN, 2002a, p.21-22, grifo nosso)⁸.

Em meio à moderna Paris, a vida de Rolin se entrelaça às histórias da vida de Martin, assim como a deste se cruza com a de Marie e de seus antigos companheiros, em uma intrincada fragmentação/reunião por meio da memória de diferentes espaços e tempos: da cidade do final dos anos 60, inclusive em maio-junho de 68, e início dos anos 70 à Paris contemporânea do começo do século XXI; do Vietnã atual ao período de colonização francesa, especialmente depois da II Guerra Mundial – quando o território da Indochina do Sul volta ao domínio francês após ser ocupado pelo Japão – e da guerra travada com os Estados Unidos, a famosa Guerra do Vietnã

⁸ “Este enorme pião de trevas é feito de História acumulada, desmoronada sobre si mesma, você diz para a filha do Treize, a cidade é o novelo em que se emaranham e apertam milhões de fios, vidas presentes e passadas, vividas e sonhadas, em algum lugar desta matéria inextrincável está a minha própria história e a do Treize, e todas as outras que se entrelaçaram nas nossas [...] E há também todas as histórias mais elevadas, mais trágicas, às quais as nossas estavam ligadas pelos elos do sonho, Saint-Just na guilhotina e o muro dos Federados, as barricadas de fevereiro e junho, o tiro do coronel Fabien na plataforma da estação de Barbès, o Affiche Rouge, todas essas histórias confundidas numa enorme massa de fios, algumas grandes e rudes, outras frágeis, mas que extraem das primeiras uma força ingênua. Todo esse passado embaralhado, intrincado, espremido na forma de uma cidade; basta pegar o fio certo e puxar com delicadeza para que se desenrole [...]” (ROLIN, 2006, p.19-20).

(1955-1975). Na verdade, o passado e presente individual e coletivo emaranham-se nas reminiscências de Martin em uma intrincada rede de fios que se entretecem em uma mesma escritura.

A fim de recuperar alguns fios desse complexo novoel, constata-se, inicialmente, que a reconstrução dos anos como militante maoísta de Treize por Martin, constitui-se pela pluralidade, composta pela individualidade de cada um dos integrantes do grupo de revolucionário: as histórias de Martin e Treize misturam-se às histórias de Gédéon, Judith, Chloé, Nessim, Ângelo, Winter, Fichau-dit-Julot, Jean d'Audincourt, Danton, Juju, Victoire e Laurent, Roger le Belge, Momo Mange-Serrures, Pompabière, etc., e a de outros revolucionários que marcaram a História, Che Quevara, Rosa Luxemburgo, Tania Bunke, Tina Modotti, etc., pois para a Causa revolucionária, o indivíduo se dissolve na coletividade, sacrifica-se em prol do bem comum. Desta forma, o “eu” torna-se um “nós” em *Tigre en papier*, enovelando-se as histórias individuais na coletividade:

Mais, Marie, je ne peux pas te parler de lui sans te parler de nous. Je ne sais pas comment te faire comprendre ça, on n'était pas tellement des 'moi', des 'je', à l'époque. Ça tenait à notre jeunesse, mais surtout à l'époque. L'individu nous semblait négligeable, et même méprisable. Treize, ton père, mon ami éternel, c'est l'un des nôtres. Un des brins d'une pelote. Je ne peux pas le débrouiller, le dévider, l'arracher de nous, sinon je le ferais mourir une seconde fois. Sans nous, son image se fanerait – sans 'nous', toutes nos mémoires s'effacent. On était ensemble, jusqu'à l'absurde. On n'était pas l'Histoire, mais on était des histoires, réelles, imaginaires, entrecroisées, qu'on fabriquait, un fagot d'histoires (ROLIN, 2002a, p.58-59)⁹.

Neste sentido, Martin vai puxando os fios das histórias dos camaradas da Causa, o que faz com que se desenovele aos poucos sua própria história e a de seu amigo Treize: algumas dessas histórias são mais trágicas, como uma ocorrida em junho de 68, quando Martin e Treize planejam uma emboscada contra *Compagnie Républicaine de Sécurité* (CRS), encarregada da proteção civil, entrando em confronto com os policiais perto da fábrica da Renault, o que resulta na morte de um jovem secundarista da *École Normale Supérieure de Saint-Cloud*; outras, carregadas de humor: presos em um furgão Fiat roubado carregado com um verdadeiro arsenal de armas, que seriam usadas para sequestrar um oficial da reserva, presidente de uma empresa que demitiu

⁹ “Mas, Marie, não posso falar dele sem falar de nós. Não sei se você vai entender, mas naquela época nós não éramos exatamente ‘eu’ e ‘mim’”. Isso tinha a ver com a nossa juventude, mas sobretudo com aquela época. O indivíduo nos parecia dispensável e até mesmo desprezível. O Treize, seu pai, meu eterno amigo, é um dos nossos. Um dos fios de um novoel. Não posso desembaraçá-lo, desenrolá-lo, separá-lo de nós, senão eu faria com que ele morresse pela segunda vez. Sem nós, sua imagem feneceria – sem ‘nós’, todas as nossas memórias se apagam. A gente estava junto às raias do absurdo. A gente não era a História, a gente era várias histórias, reais, imaginárias, entrecruzadas, que a gente produzia, um feixe de histórias” (ROLIN, 2006, p.61).

grevistas, Martin, Treize e Fichouli-dit-Julot ficam rodeados por uma passeata de secundaristas em uma situação ridícula: “[...] *la situation devenait emmerdante: vous bloqués, avec vos fausses moustaches vos perruques et vos tromblons, au milieu de ces jeunes excités à qui la police, telle qu’on la connaissait, n’allait pas tarder à chercher des crosses*” (ROLIN, 2002a, p.31-32)¹⁰. Além disso, os camaradas realizavam reuniões à noite para discutir a Causa e compreender os ensinamentos do Grande Timoneiro, escreviam panfletos nos antigos mimeógrafos, protestavam contra o aumento, por exemplo, dos transportes, roubavam bilhetes de metrô para distribuírem aos trabalhadores, colocavam escutas clandestinas, colavam cartazes nas ruas, falsificavam documentos, portavam armas, como espingardas, coquetéis Molotov, tinham todo um esquema para se locomover por Paris, sem serem pegos pela polícia. Segundo o narrador, estar engajado na Causa despertava diferentes sentimentos, pois “[...] *tous cherchaient quelque chose de plus grand qu’eux. La fraternité, la Révolution, l’aventure, quelque chose. Sinon, ce n’était pas la peine. [...] Tous, on se bricolait des destins comme on pouvait, c’est ça qui nous unissait*” (ROLIN, 2002a, p.176)¹¹.

Todas essas ações se desenrolavam, é claro, sob a liderança de um jovem estudante idealista, Gédéon, um pouco mais velho que os outros camaradas, embora temido por seu suposto intelectualismo maoísta superior, em uma Paris de finais da década de 60 e início de 70, que é descrita por meio de imagens provenientes das memórias do narrador:

[...] *à l’époque dont je te parle, dis-tu à la fille de Treize [...] à cette époque ce machin n’existait pas, naturellement. Le périfluide. La frontière entre la ville et la banlieue était encore telle que l’avaient décrite, disons, Cendrars ou Céline, une zone déglinguée et poétique, une couronne hirsute, ramassis d’habitations hétéroclites, pavillons, logements ouvriers, vieilles villas foutues, des bouts de villages, des bidonvilles aussi, et puis des usines, des ateliers, des entrepôts et puis de ferrailles et des terrains vagues, des carrés de potagers encore, des cabanes, tout ça sinistre et parfois drôle, tout ça galeaux, de guingois, à la va-comme-j’te pousse. Ça sentait encore les fortifs, le XIXe siècle, l’industrie, les révolutions* (ROLIN, 2002a, p.36-37)¹².

¹⁰ “[...] a situação era um pé no saco: vocês bloqueados, com bigodes postiços, perucas, trabucos, no meio daqueles jovens excitados com quem a polícia, como vocês bem sabiam, não demoraria para engrossar” (ROLIN, 2006, p.30).

¹¹ “[...] todos estavam à procura de alguma coisa que fosse maior do que eles mesmos. A fraternidade, a Revolução, a aventura, alguma coisa [...] Nós todos improvisávamos nossos destinos como podíamos, era isso o que nos unia” (ROLIN, 2006, p.187).

¹² “[...] na época de que estou falando, você diz para a filha do Treize [...] naquela época isso não existia, é claro. O Périfluide. A fronteira entre a cidade e a periferia ainda era aquela que havia sido descrita por, digamos, Cendrars ou Céline, aquela zona escangalhada e poética, uma coroa espetada, amontoados de prédios de todo tipo, pavilhões, alojamentos de operários, velhas mansões fodidas, pedaços de cidadezinhas, umas favelas também, bem como fábricas, oficinas, armazéns, e ferros-velhos, terrenos baldios, ainda algumas hortas,

De fato, Martin comenta que Marie não pode imaginar como Paris era diferente,

[...] *on était en plein XIXe siècle, il y avait une densité de spectres qui était presque palpable. C'étaient des petites maisons, des bouts de jardin, des ateliers, des escaliers, des venelles pavées... Ce Paris ancien accordait bien avec nos paysages intérieurs. C'est à l'époque du président Pompe qu'ils ont commencé à raser tout le passé [...]* (ROLIN, 2002a, p.124)¹³.

Esta antiga cidade, cenário das inúmeras ações dos jovens maoístas, opõe-se a moderna Paris do século XXI por onde Martin percorre o *Périphérique* lembrando o passado com Marie: é a Paris das grandes placas de publicidade, dos néons, dos hipermercados, das grandes fábricas, da Disneylândia, do TGV, do celular, da TV à cabo, enfim, uma cidade pós-industrial que não pode mais ser palco de grandes ideais maoístas em prol da igualdade dos trabalhadores. Desta forma, entremendo-se aos fios do tecido do passado, a enorme metrópole que é Paris no presente salta aos olhos do narrador e de Marie por meio dos anúncios publicitários que acompanham o itinerário do *Périphérique*, expostos em letras maiúsculas pela escritura, como forma de diferenciar e de afirmar as novas formas assumidas pelo capitalismo consumista e globalizado do século XXI:

[...] *Chaussée luisante, noire-mordorée BOBIGNY LILLE BRUXELLES PORTE DE BAGNOLET tours noires au sommet perdu dans la brume PORTE DE MONTREUIL HYPERMARCHÉ AUCHAN vert rouge NOVOTEL bleu 550M N302 CAMPANILE vert SAINT-MACLOU PEUGEOT PARIS-NORD. Premiers jours du XXIe siècle. [...] VINCENNES DORÉE STATION-SERVICE JOHNNY WALKER KEEP WALKING PÉRIPH FLUIDE ponts lumières jaunes Paris à droite sous un ciel de sombre lilas devant panneaux émeraude METZ NANCY PORTE DE BERCY DISNEYLAND 32KM [...] BERCY 2 vert CARREFOUR bleu BERCY EXPO rouge à droite grande barre noctiluque du Minfinances 300 M N19 le ciel s'éclaircit devant à l'approche de la Seine* (ROLIN, 2002a, p.10-13)¹⁴.

barracos, tudo sinistro e às vezes engraçado, nojento, jogado de qualquer jeito. Tudo ainda tinha um cheiro de fortificação, de século XIX, de indústria, de revoluções”. (ROLIN, 2006, p.35-36).

¹³ “[...] estávamos em pleno século XIX, havia uma densidade de espectros que era quase palpável. Pequenas casas, pedaços de jardim, ateliês, escadarias, vielas de pedra... Aquela Paris antiga tinha muita a ver com as nossas paisagens interiores. Foi na época do presidente Pompe que começaram a derrubar todo o passado [...]”. (ROLIN, 2006, p.131).

¹⁴ “[...] Piso lustroso, auricobreado BOBIGNY LILLE BRUXELLES PORTE DE BAGNOLET torres negras no pico perdido na bruma PORTE DE MONTREUIL HYPERMARCHÉ AU-CHAN verde vermelho NOVOTEL azul 550 M N 302 CAMPANILE verde SAINT-MACLOU PEUGEOT PARIS-NORD. Primeiros dias do século XXI. [...]VINCENNES DORÉE STATION-SERVICE JOHNNY WALKER KEEP WALKING PÉRIPH FLUIDE pontes luzes amarelas Paris à direita sob um céu roxo-escuro adiante placas cor de esmeralda METZ NANCY PORTE DE BERCY DISNEYLAND 32KM [...] BERCY 2 verde CARREFOUR azul BERCY

É esse mesmo capitalismo pós-industrial que Martin encontra ao chegar à capital do Vietnã, Ho Chi Min, em busca dos possíveis traços deixados pelo velho tenente, seu pai, que morreu um ano antes de seu nascimento nas lutas francesas na antiga Cochinchina:

À un tournant de la rivière, au-delà des mangroves, des toits de latanier ou de tôle, on avait aperçu les buildings d'HÔ Chi Minh crêtés de drapeaux rouges et de publicités pour des marques japs ou coréennes ou américaines, DAEWOO HONDA HITACHI SUZUKI CANON IBM HEWLETT-PACKARD TOSHIBA, les mêmes qu'ici le long du périph, que partout autour du monde (ROLIN, 2002a, p.15)¹⁵.

À semelhança de Paris, o antigo e o pós-moderno se misturam na capital do Vietnã, mas ao viajar para o interior pelo delta do rio Megong até o povoado de My Tho, a fim de identificar as sombras deixadas pela passagem francesa no país, Martin percebe a pobreza e as difíceis condições de vida de uma população ainda rural, população esta herdeira dos camponeses milicianos e dos vietcongs que lutaram, respectivamente, contra o colonialismo francês e o imperialismo americano na região. Na verdade, *My Tho* remete, não apenas a biografia de Martin, mas também a do próprio Rolin, uma vez que seu tio de 29 anos, irmão mais novo de sua mãe, oficial da marinha francesa, foi morto nesse povoado quando o autor tinha um ano de idade, como confessa em uma entrevista (ROLIN, 2003c), tal qual o pai do narrador. Como Marie, Martin tem poucas informações acerca da vida e da personalidade do tenente, conhece apenas as circunstâncias de sua morte por meio das cartas e do obituário enviado pelo governo francês a sua mãe, partindo, então, em busca dos rastros de seu progenitor no interior do Vietnã como forma de desvelar suas próprias origens. É interessante observar que novamente o elemento biográfico se cruza ao ficcional em *Tigre en papier*, porque Olivier Rolin afirma, também na entrevista acima mencionada, que os documentos oficiais que Martin contém, foram escritos a partir dos arquivos pessoais de sua família. Assim, as lembranças de Martin se emaranham nas lembranças familiares de Rolin (2003c): *“D’ailleurs les rapports militaires que je cite, en fait, je les ai recopiés pratiquement au mot près dans les rapports que j’ai trouvés*

EXPO vermelho à direita grande barra de plâncton do Ministério das Finanças 3000 M N19 o céu clareia ali em frente, conforme o Sena vai se aproximando” (ROLIN, 2006, p.7-11).

¹⁵ “ Numa curva do rio, para além do mangue, dos telhados de folhas de palmeira e de lona, viam-se os prédios de Ho Chi Min e suas cristas de bandeiras vermelhas e propagandas de marcas japonesas, coreanas ou americanas, DAEWOO HONDA HITACHI SUZUKI CANON IBM HEWLETT-PACKARD TOSHIBA, as mesmas daqui, ao longo do boulevard Périphérique, as mesmas do mundo inteiro” (ROLIN, 2006, p.12-13).

*dans les archives familiales. Ce sont les rapports que j'ai des autorités militaires françaises de l'époque sur la mort de cet oncle*¹⁶.

Puxar os fios do romel que ligam Martin e Rolin ao Vietnã é ainda uma maneira de retomar a própria Causa, como denota um panfleto escrito pelo narrador na juventude, “[...] *notre tâche, dit la résolution du dernier congrès des Comités Vietnam (adoptée à l'unanimité!), c'est de parler de la juste lutte du peuple vietnamien dans le langage des larges masses françaises*” (ROLIN, 2002a, p.19)¹⁷, uma vez que a revolução comunista defendida pelos maoístas deveria partir do seio do povo e se expandir para as outras camadas da população. Além disso, a vitória dos movimentos dos insurgentes comunistas aliados à Frente Nacional de Libertação do Vietnã, os famosos vietcongs, contra todo o poderio bélico americano, significou uma vitória do comunismo em relação ao Imperialismo americano, que segundo Mao Tsé-tung (1956), apesar de ser muito poderoso, não passa de um “tigre de papel”, expressão que intitula o texto de Rolin e que na tradução chinesa significa algo ameaçador, mas que na realidade é inofensivo. Defensores dos ideais maoístas, Martin e seus amigos sonhavam com o Oriente Vermelho ou o Sol da Revolução que poderia despertar as pessoas para a grande “guerra do povo”, que seria talvez uma forma de acertar as contas com passado de seus pais, do qual se consideravam herdeiros, porque conforme Rolin (2002b),

*[...] on était la génération née juste après la guerre, et Vichy, la collaboration, c'était des hontes qu'on ressentait profondément. Je crois que nous avions inconsciemment le désir de vies violentes et aventureuses, ou extrêmes de quelque façon, par dégoût de toutes les lâchetés, les bassesses commises du temps de nos pères*¹⁸.

Tal opinião é também compartilhada pelo narrador de *Tigre en papier*, que traduz para a ficção os pensamentos de um Rolin amadurecido pela reflexão e pela idade:

[...] il y a plus de trente ans. La nuit des temps. Les neiges d'antan. La fille de Treize n'était même pas née. Moins d'années séparaient ce temps-là de la fin de la guerre qu'aujourd'hui d'alors. Il a fallu que tu vieillisses pour commencer à comprendre

¹⁶ “Aliás, os relatórios militares que cito, de fato, os recopiei praticamente palavra por palavra dos relatórios que encontrei nos arquivos familiares. São relatórios que tenho das autoridades militares francesas da época acerca da morte deste tio” (ROLIN, 2003c, tradução nossa).

¹⁷ “[...] nossa tarefa, diz a resolução do último congresso dos Comitês para o Vietnã (aprovada por unanimidade!), é falar da luta justa do povo vietnamita na língua das grandes massas francesas” (ROLIN, 2006, p.17).

¹⁸ “[...] era a geração nascida logo após a guerra e Vichy, a colaboração, eram vergonhas que se sentia profundamente. Acredito que tínhamos inconscientemente o desejo de vidas violentas e aventureiras, ou extremas de alguma forma, para desgosto de todas as covardias, cometidas no tempo de nossos pais” (ROLIN, 2002b, tradução nossa).

que ta jeneusse, celle de ta génération, avait été toute déviée par la proximité de cette énorme masse morte, la guerre mondiale, la défaite, la collaboration (ROLIN, 2002a, p.33)¹⁹.

Testemunha do passado, Martin fornece a Marie um retrato da Causa maoísta, evento histórico que atualmente é pouco focalizado pelos franceses e que aos poucos está sendo legado ao esquecimento; por isso, o narrador adverte Marie, “[...] *moi je suis encore en vie, tu tombes bien, dis-tu à la fille de Treize. Profites-en*» (ROLIN, 2002a, p.14)²⁰, recomendação que Rolin parece também endereçar a seus leitores. Segundo Martin, é apenas quando todas as vozes se calam, porque já estão mortas e legadas ao esquecimento, que as pessoas sentem o desejo de ressuscitar o passado:

Et c'est comme ça, souvent: on n'a vraiment envie d'entendre parler des choses que lorsque les voix qui pourraient vous les apprendre se sont tuées. Sous une photo ancienne qui est ce visage féminin, par exemple, à côté de ton père au bord d'un fleuve dont il est impossible de dire s'il est d'ici ou de là-bas? (ROLIN, 2002a, p.14)²¹.

Como forma de não deixar o passado morrer, Rolin dá voz ao revolucionário de meia-idade Martin, que reconstitui e reflete pela memória acerca de um passado individual que remete a um passado coletivo, que pertence à História recente da França, mas também se insere no contexto de todos os movimentos revolucionários, que lutaram contra o Imperialismo capitalista. Assim, Rolin (2002a, p.7) por meio de Martin tenta “reencontrar o passado” recente já esquecido, como introduz a epígrafe da obra, “[...] *mais ces histoires dormaient dans les journaux d'il y a trente ans et personne ne les savait plus*”²², em que a voz de Proust sintetiza a visão do autor, que percebe a dissolução dos eventos de 68 nos dias atuais. Morte e vida se entremeiam por meio da rememoração efetuada pelos fios tecidos pelo novelo da história de Martin, que ensina Marie: “[...] *tout ça trop embrouillé. Mais c'est la vie qui est ainsi, Marie, cette pelote emmêlée* [...]” (ROLIN, 2002a, p.82, grifo nosso)²³. No entanto, ao reviver o passado

¹⁹ “[...] há mais de trinta anos. A noite dos tempos. As neves de antanho. A filha do Treize ainda nem tinha nascido. Entre aquela época e o fim da guerra há menos anos entre aquela época e hoje. Você precisou envelhecer para começar a entender que a sua juventude, a da sua geração, foi desviada pela proximidade dessa enorme massa morta que foi a guerra mundial, a derrota, a colaboração” (ROLIN, 2006, p.34).

²⁰ “[...] eu ainda estou vivo, sorte sua, você diz para a filha do Treize. Aproveita.” (ROLIN, 2006, p.12).

²¹ “Costuma ser assim: só queremos realmente ouvir falar das coisas quando as vozes que poderíamos nos ensinar se calam. Numa foto antiga, por exemplo, quem é aquele rosto feminino ao lado do seu pai, à beira de um rio que não dá para saber se é daqui ou de lá?” (ROLIN, 2006, p.12).

²² “[...] mas essas histórias dormiam nos jornais de trinta anos atrás, e ninguém mais as conhecia” (ROLIN, 2006, p.3).

²³ “[...] mas a vida é assim, Marie, esse novelo embaraçado [...]” (ROLIN, 2006, p.85).

guardado em sua memória, o ex-revolucionário maoísta, agora com o distanciamento e o amadurecimento que a meia-idade lhe proporcionam, observa o jovem militante e seus camaradas com sentimentos contraditórios, emanando de suas histórias uma certa melancolia, “[...] *nous étions à la fois très durs et très infantiles, prêts à tuer sans doute et à nous faire tuer ça sûrement* [...]” (ROLIN, 2002a, p.44)²⁴, uma desilusão quanto aos ideais revolucionários nos dias atuais, que parecem terem sido vencidos pelas mudanças sociais e políticas impostas pela sociedade pós-industrial atual:

Les B-52, fais-tu remarquer à la fille de Treize, sont une des rares choses qui n'ont pas changé, ou très peu, qui viennent d'un coup d'aile de cette époque dont je te parle jusqu'aujourd'hui [...] Les stencils, les ronéos, les larges masses, l'Orient rouge, le Grand Timonier, tout ça: pas les B-52 [...] (ROLIN, 2002a, p.19-20, grifo nosso)²⁵;

e ao mesmo tempo, um tipo de humor, as brincadeiras e as inconseqüências da juventude:

Tu sais, dis-tu à la fille de Treize, il y a une chose que tu dois comprendre, c'est qu'on était des gamins. On avait l'âge que tu as aujourd'hui [...]. Enfin ce que je voulais dire, reprends-tu, c'est qu'on était extrêmement jeunes, on faisait des choses graves mais on avait des côtés complètement infantiles. Je me souviens par exemple que pendant qu'on préparait l'enlèvement de Chalais dans la maison que Blitz nous avait prêtée, en Normandie, on avait failli s'étriper à l'issue d'une partie de Monopoly (ROLIN, 2002a, p.203-204)²⁶.

Tais são as conclusões que Martin chega, a meu ver, ao final de sua história e que parecem ser compartilhadas pelo próprio Rolin, ao intitular sua autobiografia romanceada com a expressão “tigre de papel”, como forma de dizer ao leitor que tanto as tentativas revolucionárias em geral quanto o ativismo maoísta de Martin e seus camaradas, personagens fictícios de um engajamento político defendido por ele mesmo no final dos anos 60 e início dos anos 70, não passaram de um “tigre de

²⁴ “[...] nós éramos muito durões e muito infantis ao mesmo tempo, estávamos prontos para matar, sem dúvida [...]” (ROLIN, 2006, p.44).

²⁵ “Os B-52, você comentou com a filha do Treize, estão entre as poucas coisas que não mudaram, ou mudaram muito pouco, que vêm daquela época até hoje [...] O estêncil, o mimeógrafo, as grandes massas. O Oriente Vermelho, o Grande Timoneiro, tudo isso desapareceu, o movimento da Terra apagou tudo isso: menos os B-52 [...]” (ROLIN, 2006, p.18).

²⁶ “Sabe, você diz para a filha do Treize, você precisa entender uma coisa: nós éramos umas crianças. Para ter uma ideia. Tínhamos a idade que você tem hoje [...]. O que eu quis dizer, você retoma, é que nós éramos muito jovens, fazíamos coisas sérias, mas tínhamos facetas totalmente infantis. Lembro, por exemplo, que enquanto estávamos preparando o sequestro do Chalais, numa casa na Normandia, emprestada pelo Blitz, quase nos matamos por causa de uma partida de Banco Imobiliário” (ROLIN, 2006, p.217).

papel”, ou melhor, algo que era temido pelos poderes políticos, sociais e intelectuais da época, mas que no fundo era inofensivo. Fazendo um balanço do engajamento político de sua geração, Rolin (2003b, grifo do autor) afirma:

[...] je crois que l'engagement dans les années 60 avait à voir avec ce que j'appelle la mélancolie historique, avec le fait de naître juste après la guerre, après la défaite, après la collaboration. Nous ne le pensions pas à l'époque, bien sûr, mais je crois à présent que le gauchisme était lié à la volonté de liquider (symboliquement) ce passé, et à cette idée que l'on ne gagne jamais, que tout ce qu'on peut faire c'est être digne dans la défaite. Gagner ne faisait pas du tout partie de la culture historique, politique dans laquelle on évoluait. Du même coup, « prendre le pouvoir » n'était pas une question qu'on se posait. Un comble pour des révolutionnaires. La révolution qui nous plaisait, au fond, c'était la révolution vaincue²⁷.

De fato, nas fortes palavras do narrador ainda nas primeiras páginas de *Tigre en papier*, observa-se que esta melancolia histórica da revolução parece acompanhar Martin até o fim de suas lembranças:

La Révolution est toujours assassinée. Rosa Luxemburg abattue sur la neige, au bord du canal où son corps va être jeté. Le Che exécuté dans l'école de Vallegrande, allongé nu, hirsute, yeux vitreux, comme préparé pour la dissection, ses mains coupées, le masque mortuaire qui arrache la peau du visage. Tamara-Tania criblée de balles au gué de Vado del Yeso, son corps à la dérive sur les eaux du río Grande. Vous aviez la tête farcie de ces icônes tragiques. Faire la Révolution, ce n'était pas tellement préparer la prise du pouvoir, c'était plutôt apprendre à mourir (ROLIN, 2002a, p.12-13)²⁸.

Enfim, autobiografia e ficção misturam-se para desenvolver um pouco desse passado revolucionário recente da política francesa, fazendo com que a escritura literária registre o testemunho de alguém que ajudou a construir esse período

²⁷ “[...] acredito que o engajamento dos anos 60 tinha a ver com o que chamo a melancolia histórica, com o fato de nascer logo após a guerra, após o fracasso, após a colaboração. Não o pensamos na época, certamente, mas acredito hoje que o gauchismo estava ligado a vontade de liquidar (simbolicamente) este passado e a esta ideia que se ganha nunca, que tudo o que se pode fazer é ser digno no fracasso. Ganhar não fazia de toda parte da cultura histórica, política na qual se evoluía. Por outro lado, “tomar o poder” não era uma questão que se colocava. Um cúmulo para os revolucionários. A revolução que nos agradava, no fundo, era a revolução vencida” (ROLIN, 2003b, tradução nossa).

²⁸ “A Revolução sempre é assassinada. Rosa Luxemburgo caída na neve, à beira do canal onde seu corpo vai ser jogado. O Che executado na escola Vallegrande, sem roupas, peludo, os olhos vidrados, o corpo como que preparado para a dissecação, as mãos cortadas, a máscara mortuária que arrancou a pele do rosto. Tamara-Tânia cravada de balas num vau de Vado del Yeso, o corpo à deriva nas águas do rio Grande. Sua cabeça vivia repleta desses ícones trágicos. Fazer a Revolução, mais que preparar a tomada do poder, é aprender a morrer” (ROLIN, 2006, p.10-11).

conturbado e tão importante da História francesa, no século XX. Como conclui Rolin, escrever para ele, “[...] écrire un roman, s’est imposé d’abord comme le moyen de réfléchir à l’expérience de la radicalité politique, d’autant qu’il y avait, au sein même de cette expérience, des forces – l’inquiétude secrète, le désir ‘épique’ – qui pouvaient se reconverter, si j’ose dire, dans le champs littéraire” (ROLIN, 2002b)²⁹.

MILANEZE, E. Autobiography, memory and revolutionary commitment in Olivier Rolin’s *Tigre en papier* [Paper Tiger]. **Revista de Letras**, São Paulo, v.52, n.1, p.67-83, jan./jun. 2012.

- **ABSTRACT:** *The French novels produced in the last 30 years show a great interest in issues of the subject, from forms of lyricism up to biographies, autobiographies and autofictions. In this context we have Tigre en papier [Paper Tiger], by Olivier Rolin (2002a), one of the greatest writers of his generation, twice nominated for the Goncourt prize, who after serving as a militant communist during his youth turns to writing, being the author of a consistent literary production. We intend thus to make an analysis of Tigre en papier, addressing it as a romanticized autobiography of Olivier Rolin’s years of revolutionary political commitment, through which the author reflects on his political activism by the memory of Martin, the narrator of the adventures, who seems to be his alter-ego. In fact, Martin’s memories lead to an individual past that harks back to a larger French historical past and the communist revolutionary struggles in general, in contrast to the current reality of French post-industrial society.*
- **KEYWORDS:** *Contemporary novel. French literature. Autobiography. Olivier Rolin.*

Referências

DURAS, M. **L’Amant**. Paris: Hatier, 2007.

MAO TSE TUNG. **O imperialismo americano é um tigre de papel**. 14/07/1956. Disponível em: <<http://www.primeiralinha.org/textosmarxistas/bibliomarxgz.htm>>. Acesso: 23 jun. 2012. Não paginado.

²⁹ “[...] escrever um romance, impõe-se, de início, como o meio de refletir a experiência da radicalidade política, tanto quanto havia, no próprio seio desta experiência, forças – a inquietude secreta, o desejo ‘épico’- que podia se reconverter, se ousar dizer, no campo literário” (ROLIN, 2002b, tradução nossa).

- ROLIN, O. **Phénomène futur**. Paris: Seuil, 1983.
- _____. **Bar des flots noirs**. Paris: Seuil, 1987.
- _____. **L'Invention du monde**. Paris: Seuil, 1993.
- _____. **Port-Soudan**. Paris: Seuil, 1994.
- _____. **Méroé**. Paris: Seuil, 1998.
- _____. **Tigre en papier**. Paris: Seuil, 2002a.
- _____. **Olivier Rolin: Tauromachie avec les mots**” entretiens avec Yves Charnet. 30 janvier 2002b. Disponível em: <<http://remue.net/spip.php?rubrique79>>. Acesso em: 22 ago. 2012. Não paginado
- _____. Olivier Rolin: entrevista a propósito de Tigre de papel. **Porta-Livros**. 2003a. Disponível em: <<http://portallivros.wordpress.com/2009/02/20/olivier-rolin-entrevista-a-proposito-de-tigre-de-papel/>>. Acesso: 22 ago. 2012. Não paginado.
- _____. L'ironie de tantare. Entretien avec Olivier Rolin. Propos recueillis par M. Clément, J.-L. Bertini, L. Roux, S. Omont. **La Femelle du Requin**, Paris, n.20, 2003b. Disponível em: <<http://www.olivier-rolin.fr/pagerequin.html>>. Acesso em: 22 ago. 2012. Não paginado.
- _____. **Comment agir en écrivain?** Entretiens entre Matthew Escobar e Olivier Rolin. New Jersey, 2003c. Disponível em: <<http://www.olivier-rolin.fr>>. Acesso em: 10 jun. 2012. Não paginado.
- _____. **Suite à l'hôtel Crystal**. Paris: Seuil, 2004.
- _____. **Tigre de papel**. Tradução de José Bento Ferreira. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- _____. **Un chasseur de lions**. Paris: Seuil, 2008.
- _____. **Bakou, derniers jours**. Paris: Seuil, 2010.
- _____. **Circus 1**. Paris: Seuil, 2011.
- SARRAUTE, N. **Enfance**. Paris: Gallimard, 1983.
- SIMON, C. **L'Acacia**. Paris: Éd. Minuit, 2004.

SOLLERS, P. **Paradis**. Paris: Le Seuil, 1981.

VIART, D. Entretiens avec Dominique Viart. **Pretexte**, Paris, n.21/22, 1999. Disponível em: http://pretexte.perso.neuf.fr/PretexteEditeur/ancien-site/revue/entretiens/discussions-thematiques_roman/discussions/dominique-viart.htm. Acesso em: 14 set. 2005. Não paginado.

_____. **Portrait du sujet, fin de 20ème siècle**. 2003. Disponível em: <<http://www.remue.net/cont/Viart01sujet.html>>. Acesso em: 14 set. 2005. Não paginado.

